

Dívida deve chegar a US\$ 113,56 bi

A dívida externa global do País vai aumentar, ao longo deste ano, de US\$ 110,57 bilhões para US\$ 113,56 bilhões; as reservas cambiais no conceito de caixa fecharam 1986 em US\$ 4,585 bilhões, com redução no ano de US\$ 3,105 bilhões; o superávit comercial de US\$ 8 bilhões será alcançado, este ano, com exportações estáveis de US\$ 22,4 bilhões e importações de US\$ 14,4 bilhões (crescimento de 11,9%), e o Brasil precisa de US\$ 8,57 bilhões de dinheiro novo e juros capitalizados para fechar as contas externas em dezembro próximo.

Com destaque para esses números, o Banco Central divulgou ontem a décima quarta edição trimestral do programa econômico brasileiro, contendo os indicadores finais de 1986 e projeções revistas para este ano sobre o comportamento do setor externo da economia do País. O programa brasileiro entregue ontem pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e pelo presidente do Banco Central, Francisco Gros, aos principais credores externos aponta a estratégia brasileira para fechar o balanço de pagamentos deste ano, mas nada sinaliza quanto à futura política econômica do Governo para o ajuste interno da economia.

O aumento líquido do endividamento externo bruto de US\$ 2,99 bilhões decorre da impossibilidade de o País pagar, este ano, os juros integrais de US\$ 9 bilhões da dívida externa. Do total de US\$ 113,56 bilhões — US\$ 105,53 bilhões de compromissos de médio e longo prazos e US\$ 8,03 bilhões de curto prazo — ao final deste ano, o Brasil estará devendo, conforme as novas projeções do Banco Central, US\$ 68,37 bilhões a bancos comerciais estrangeiros; US\$ 7,45 bilhões a agências no exterior de bancos brasileiros, e US\$ 37,74 bilhões a instituições não bancárias.

O novo programa econômico confirma a redução da meta do superávit comercial para US\$ 8 bilhões — contra a estimativa de US\$ 11,5 bilhões em novembro de 1986 e de US\$ 10,2 bilhões em janeiro último — em razão, entre outros fatores apontados pelo Banco Central, da perspectiva de queda nas receitas de exportações de café, minérios, açúcar e soja e da reavaliação dos gastos com importações de petróleo, bens de capital, produtos primários e trigo.

A elevação da **Libor** — juros básicos do euromercado que servem de referencial para metade da dívida brasileira — de 6,19%, no segundo semestre de 1986, para 6,5%, de acordo com a projeção para este semestre, do pagamento de US\$ 348 milhões de juros de mora ao Clube de Paris, o reflexo da desvalorização do dólar em relação a outras moedas conversíveis, e ainda a incidência de juros sobre os juros retirados com a moratória parcial elevaram a estimativa de juros a serem pagos este ano para US\$ 9,6 bilhões. Como o Banco Central ainda espera receita de US\$ 600 milhões com aplicações das reservas que sobram, o pagamento devido de juros liquidados da dívida está projetado, ao longo deste ano, em US\$ 9 bilhões.

Além de juros, na conta de serviços do balanço de pagamentos deste ano o Banco Central estima gastos líquidos de US\$ 1,25 bilhão com as remessas de lucros e dividendos; US\$ 440 milhões com viagens internacionais; US\$ 300 milhões com transportes; US\$ 110 milhões com seguros; US\$ 100 milhões com despesas governamentais e US\$ 800 milhões com serviços diversos, no total de US\$ 3 bilhões.

A soma de US\$ 9 bilhões de juros e US\$ 3 bilhões de outros serviços eleva o saldo negativo da conta de serviços para US\$ 12 bilhões. Deduzidos US\$ 100 milhões de saldo positivo nas

transferências unilaterais e US\$ 8 bilhões do saldo comercial, o déficit em conta-corrente do balanço de pagamentos deste ano está estimado em US\$ 3,9 bilhões, contra US\$ 2,85 bilhões em 1986 e superávit de US\$ 302 milhões em 1985.

Para cobrir o déficit em conta-corrente de US\$ 3,9 bilhões e fechar o ano com superávit de US\$ 746 milhões no balanço de pagamentos, o Banco Central conta com fluxo favorável de US\$ 4,646 bilhões de capitais externos. Para promover o ingresso desses recursos, o Brasil precisa de “recursos adicionais” de US\$ 4,34 bilhões para o refinanciamento de juros devidos a bancos credores; da rolagem de US\$ 10,598 bilhões do principal da dívida a vencer este ano; da obtenção de US\$ 4,223 bilhões de dinheiro novo de organismos internacionais, agências governamentais e créditos de fornecedores; da entrada líquida de US\$ 350 milhões de investimentos estrangeiros e liberação de US\$ 199 milhões de empréstimos de matrizes de multinacionais a subsidiárias brasileiras. Em contrapartida, o Brasil pagará, nas contas do Banco Central, amortizações residuais da dívida de US\$ 3,717 bilhões e US\$ 300 milhões de compromissos de curto prazo.

O Brasil depende da entrada líquida de capitais para obter o superávit do balanço de pagamentos de US\$ 746 milhões e pagar US\$ 1,106 bilhão ao Fundo Monetário Internacional (FMI). O diferencial de US\$ 260 milhões significará a perda de reservas, compensável com a incorporação de US\$ 300 milhões de ouro adquirido no mercado interno. Se tudo correr dentro das previsões, o Brasil mantém as reservas cambiais na posição de dezembro de 1986: US\$ 4,585 bilhões de disponibilidades efetivas em caixa e US\$ 6,76 bilhões no conceito tradicional de balanço de pagamentos.